

Aurélio ganha roupa nova para o século XXI

Dicionário que é referência na língua portuguesa tem nova edição revista e ampliada em 28 mil verbetes

Mánya Millen

A obra maior do homem que dizia que "definir uma palavra é como capturar uma borboleta no ar" volta esta semana às livrarias com roupa nova. A aguardada terceira edição do "Aurélio", que ao ser lançado, em 1975, transformou o nome de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira em sinônimo de dicionário, chega atualizada em mais 300 páginas e 28 mil verbetes, totalizando 168 mil — ou 435 mil, como preferem os organizadores, somando também as definições e locuções — e disposta a manter o posto de referência principal para a língua portuguesa.

Atualizado por uma equipe comandada por Marina Baird Ferreira, assistente e viúva de Aurélio (morto em 1989), com a colaboração da lexicógrafa Margarida dos Anjos Couto e uma equipe fixa de onze pesquisadores (além de cerca de 70 colaboradores de diversas áreas), o "Aurélio Século XXI" será lançado oficialmente hoje, às 17h, na Academia Brasileira de Letras, casa que o autor frequentou como imortal desde 1961. A ABL vai abrigar também uma pequena exposição sobre a vida e obra do alagoano, autor e tradutor de dezenas de obras.

Para o editor Carlos Augusto Lacerda, da Nova Fronteira, que publica o "Aurélio" desde o início (a primeira atualização foi em 1986), a opção de fazer uma soma geral entre verbetes, locuções e definições é simples.

— As pessoas gostam de medir um bom dicionário pelo número de verbetes e é claro que este é um critério, mas não o único e é reducionista. Temos que ver a amplitude do tratamento do verbo, precisão, clareza de definições e todos os recursos usados, que aqui são muitos.

Versão incorpora termos da informática e neologismos

A nova edição do "Aurélio" chega um ano depois da entrada de outro gigante nas prateleiras, o Michaelis da editora Melhoramentos, com 201.174 verbetes (oficialmente maior do que o "Aurélio"), e um ano antes do lançamento do Dicionário Houaiss, outro produto de peso que promete esquentar esse segmento editorial. Como atrativo, aliás, o título "Aurélio" — que também está chegando reformulado em todas as suas versões, do "Aurélio" à eletrônica — não terá seu preço fixado pela editora.

Essa ideia de fixar o preço para os livreiros é falsa, porque cada um estabelece o preço de acordo com suas necessidades — justifica Carlos Augusto Lacerda, que já mandou para as livrarias 55 mil exemplares e prepara uma outra formada de 50 mil. — Então resolvemos assumir essa realidade no sentido de valorizar e proteger o leitor. Já sabemos que o "Aurélio" está sendo oleado entre R\$ 73 e R\$ 108. O consumidor deve procurar.

Apesar de tantas novidades, desde o uso de duas cores (o



AURÉLIO BUARQUE de Holanda: vida e obra em exposição que abre hoje na Academia Brasileira de Letras para marcar o lançamento da edição coordenada por Marina Baird

Os prós e os contras de ser um sinônimo

Pasquale Ciprio Neto

• Costumo dizer aos meus alunos que quem não tem dicionário em casa simplesmente não tem casa. No entanto, apesar de se venderem aproximadamente cinco milhões de dicionários por ano no Brasil, em muitos lares de classes abastadas não há sequer um dicionáriozinho de bolso. Triste, muito triste.

Que dicionário você tem em casa? Posso adivinhar? Tenho nove chances em dez de apostar no "Aurélio". Há muito tempo, como danone e iogurte, como lâmina e gilete, como ninho e leite em pó, "Aurélio" virou sinônimo de dicionário, o que, como tudo na vida, é bom e é ruim. Bom porque, bem ou mal, o dicionário é reconhecido, citado e usado como referência. Ruim porque, justamente por ser o mais popular e, por isso, ter status de oficial, passa seus defeitos como verdades inquestionáveis.

Em minha coluna dominical, já discuti várias vezes virtudes e defeitos do querido dicionário. Estou ansioso para ver o que foi feito na nova edi-

ção com os casos problemáticos. Quero ver, por exemplo, que destino se deu a uma lamentável idiossincrasia: registrar o verbo "forma", palavra que oficialmente não existe. Aurélio era contra a eliminação do acento diferencial dessa palavra, ocorrida em 1971. O dicionarista tinha todo o direito de discordar da eliminação do acento (eu também discordo), mas nenhum direito de grafar palavras de acordo com seu desejo.

A tese às vezes chata do politicamente correto não era tão forte quando da publicação da edição anterior. Talvez por isso não houvesse preocupação com o sentido de certos vocábulos e expressões. Não sei como será nesta, mas se for mantida a linha de registrar o uso, não se devem esperar alterações significativas. Expressões que talvez desagradem a alguns, mas que sejam reais no uso diário, devem continuar registradas. Cá entre nós, dicionarista não é censor. Não lhe assiste o direito de esconder palavras ou expressões e seus significados. Se existem, que se registrem.

Outra coisa que certamente merecerá observação especial é o tratamento dado pelo "Novo Aurélio" ao informatiquês, ao economês, aos estrangeirismos e às gírias.

Repito a pergunta: que dicionário você tem em casa? Faça outra: que dicionários você conhece, além do "Aurélio"? Só conhece o "Aurélio"? Xô, ditadural! E onde ficam Laudelino Freire, Antenor Nascentes, Caldas Aulete, Silveira Bueno, o velho Moraes, o novo Michaelis Melhoramentos, o futuro Antônio Houaiss e tantos outros?

Por falar em mestre Antônio Houaiss, parece que — até que enfim! — poderemos em breve ter o prazer de consultar a magna obra do eminente filólogo. A equipe de lexicógrafos de Houaiss está a terminar o trabalho. Pelo que sei, além do grande número de verbetes, o dicionário trará algumas preciosidades, como o tão desejado antônimo e o coletivo, no próprio verbo.

Se você pretende comprar dicionário e não pode gastar dinheiro para ter os dois (o novo Aurélio e o futuro

Houaiss), talvez valha a pena esperar para fazer a comparação e decidir. Se lhe for possível ter os dois, melhor ainda. Não se pode esquecer que há dicionários específicos, como os de regência (o de Celso Luft e o de Francisco Fernandes), os de antônimos, os de rima etc.

Também não se pode esquecer que, como qualquer produto, o dicionário exige leitura do manual. No caso, o "manual" está nas primeiras páginas. É preciso familiarizar-se com siglas, convenções, abreviaturas. É preciso ler o verbo com atenção, até o fim. Nada de bater os olhos na palavra e fechar o dicionário rapidamente.

Nada de deixá-lo adormecido num canto da estante. O dicionário deve ser lido regularmente, como se lê qualquer livro. E deve ser mostrado às crianças. Bom dicionário para você. Um forte abraço.

PASQUALE CIPRIO NETO é colunista do GLOBO, idealizador e apresentador do programa "Nossa língua portuguesa", da TV Cultura e autor de obras didáticas e paradidáticas.

Como é a nova edição



A CAPA DA nova edição

• **APRESENTAÇÃO:** Para que os novos verbetes fossem incluídos num único tomo, o "Aurélio Século XXI" ganhou um papel de gramatura mais fina e um corpo menor. Em compensação, o uso de duas cores facilita o acesso às palavras.

• **NÚMEROS:** São 2.160 páginas, com 435 mil verbetes, definições e locuções; 110 mil etimologias, com origem e formação de palavras; 54 mil exemplos e abonações; aproximadamente 1.400 autores citados.

• **POLITICAMENTE CORRETO:** A equipe de revisão fez questão de manter as expressões do uso diário da língua portuguesa, explicando ao leitor sobre a carga de preconceito nelas. O editor lembra que não cabe ao dicionário arbitrar ou opinar e sim esclarecer o leitor. Mas "preto de alma branca", por exemplo, foi retirado.

vinho e o preto) para facilitar a leitura, até a entrada de muitos neologismos vindos da área de informática — além de incorporar expressões como um outro uso para "armário" ("sair do armário: assumir publicamente a condição de homossexual") — o "Aurélio" mantém a principal linha ditada por seu criador. Ou seja, a de abonar os verbetes através de citações literárias.

— Muita coisa o Aurélio já tinha deixado indicado para a equipe, pois ele trabalhou nessa segunda revisão durante três anos — conta Marina. — E quando fomos pesquisar outros autores, como Manoel de Barros, por exemplo, descobri que ele também já havia sido selecionado pelo Aurélio.

Citações de textos de nomes como Antônio Torres e Ana Maria Machado juntaram-

se a novíssimos na literatura como Drauzio Varella, autor de "Estação Carandiru", lançado este ano pela Companhia das Letras, num total de 1.400 autores. Já para a entrada de neologismos surgidos da área informática e econômica, por exemplo, a equipe contou com a ajuda de especialistas.

— Esses dois foram setores que cresceram muito nos últimos anos — conta Marina.

O dicionário cresceu bastante também com a entrada de galicismos, arabismos e, principalmente, com a adoção de palavras com a grafia de Portugal e de países africanos de língua portuguesa. Foi uma opção editorial para continuar a abastecer um mercado maior, mesmo que a questão da única ortografia dos países lusófonos ainda não tenha se resolvido oficialmente.

O GLOBO NA LITERATURA E COMPANHIA DAS LETRAS
CONVIDAM PARA A PALESTRA DE

MICHAEL CUNNINGHAM

PRÊMIO PULITZER 1998

QUINTA 11 NOVEMBRO 19H AUDITÓRIO DO GLOBO

RUA IRINEU MARINHO 35 / 4º ANDAR - CIDADE NOVA - OS CONVITES PODEM SER RETRADOS GRATUITAMENTE NAS AGÊNCIAS DE CLASSIFICADOS DO GLOBO DA TIJUCA, LARGO DO MACHADO, RIO BRANCO, COPACABANA (DIAS DA ROCHA) E IPANEMA - O CONVITE NÃO GARANTE O INGRESSO - LOTAGEM POR ORDEM DE CHEGADA.

O GLOBO
EDITOR: Arnaldo Blich (arnaldo@oglobo.com.br)
EDITORES ASSISTENTES: Antonio Carlos Miguel (antonio@oglobo.com.br), Carla Lencastre (carla@oglobo.com.br) e Luiz Fernando Viana (luisviana@oglobo.com.br)
DIAGRAMADORES: Luiz Eduardo Carvalho (luiseduardo@oglobo.com.br) e Tello Navega (tello@oglobo.com.br)
Telefone/Redação: 534-5000 Publicidade: 534-5500
Correspondência: Rua Irineu Marinho 35 - 2º andar CEP: 20233-900

Ganhe o seu Kit do Chef

Recorte este selo e cole na tabela.

O GLOBO
COMUNIDADE

► Tenha paciência no trânsito.

